

RELATOS DE UMA MÃE PSICOTERAPEUTA (DURANTE) E PÓS PANDEMIA.

XXIII Encontro da ABRAPSO Minas - Psicologia Social Crítica e interseccionalidade: violências, resistências e perspectivas, 23ª edição, de 20/04/2023 a 22/04/2023
ISBN dos Anais: 978-65-5465-029-8

FIGUEIREDO; Paula Couceiro¹

RESUMO

Ainda em 2019, dados do IBGE mostraram que a mulher já dedicava 18,5 horas semanais a tarefas domésticas e cuidados com familiares, enquanto os homens dedicavam 10,3 horas semanais. A pesquisa em questão já apontava a desigualdade de gênero e a sobrecarga que se viu crescer e impactar de forma igualmente superior a saúde mental das mulheres. Nos últimos anos com a pandemia do Covid-19, o mundo atravessou um verdadeiro colapso sanitário. Com a decorrente paralização das atividades presenciais e o incentivo ao isolamento social, uma parcela da população passou longos períodos em casa. Extremamente cansadas, muitas mulheres se viram preocupadas com a manutenção de seus empregos, com a carga de trabalho doméstico, a administração da renda familiar, além de acompanhar seus filhos também em casa, sem poder contar com a rede de apoio. A inserção feminina no mercado de trabalho, ao contrário dos homens, sempre foi limitada por responsabilidades domésticas e familiares, tendo o emprego que ser adaptado às suas outras funções. Esse cenário ainda foi intensificado pelo fenômeno da pandemia, o advento do trabalho remoto em vários setores e a onda de desemprego que assolou o país nos últimos anos, tendo afetado principalmente o público feminino. Paralelo a isso, a literatura vem apontando um aumento significativo da morbidade psíquica entre as mais diversas populações e, entre as doenças mentais, os Transtornos Mentais Comuns vêm se destacando, principalmente entre as mulheres. Com objetivo de evidenciar a associação entre sobrecarga doméstica e a ocorrência de transtornos mentais comuns em mulheres o presente trabalho parte da metodologia autoetnográfica, onde a pesquisadora faz parte do seu próprio objeto e universo de pesquisa. Nesse sentido a autoetnografia é uma combinação de elementos da etnografia e da autobiografia. Pretendo através da modalidade roda de conversa, compartilhar minha narrativa como mulher que viveu dois anos de puerpério na pandemia, em isolamento com minha filha recém-nascida exercendo meu trabalho como psicoterapeuta de forma remota. O registro de minhas memórias aponta os efeitos psíquicos do desafio de conciliar minha vida profissional com a maternidade em um período de incertezas, solidão e profundo desamparo. Por mais que não possamos abordar em uma única roda de conversa os aspectos dessa experiência, pretende-se destacar a importância da narrativa das mulheres na compreensão mais ampla do que foi, e do que tem sido, a pandemia da Covid - 19 para nós, tornando visível essa realidade deslocando-a de seu lugar de naturalização. Foi um desafio pensar em que eixo essa temática poderia ser incluída. Optei pelo eixo *Desafios Contemporâneos para Psicologia Social Crítica*, por concluir que opressões já presentes como sexismo e o neoliberalismo tomam para si novas facetas com o advento da tecnologia e das novas formas de trabalho. Mulheres mãe vivem em contorcionismos para seguir adiante, e a Covid - 19 escancarou esse processo. Concluo salientando a necessidade de se discutir papéis de gênero de forma ainda mais urgente, já que claramente não conseguimos acompanhar as mudanças culturais e

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), psipaulafigueiredo@gmail.com

tecnológicas apesar de sofrermos suas consequências de maneira desigual.

PALAVRAS-CHAVE: mulheres, desigualdade, tecnologia